

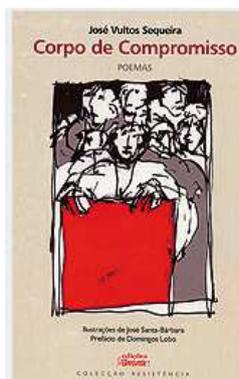
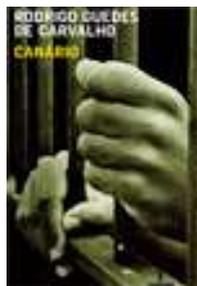
URBANO TAVARES RODRIGUES



“Com o seu incomparável percurso de 90 anos de luta, o PCP assume, neste início da Segunda década do século XXI, o seu compromisso de sempre com os trabalhadores, a juventude e o povo, a luta pela liberdade, a democracia, o socialismo e o comunismo”

Resolução do Comité Central do PCP

“90º. Aniversário PCP Liberdade, democracia, socialismo. Um projecto de futuro”



ESTATUTO EDITORIAL

1. *Esteiro* é o braço de rio que penetra e fecunda a margem
2. *Esteiro* é o órgão da Célula da Cultura Literária do Sector Intelectual da ORL do PCP
3. *Esteiro*, na austeridade dos seus meios, luta pela dignificação da posição social dos escritores, parte integrante da luta geral dos trabalhadores intelectuais e braçais, por um futuro justo, belo e fraterno
4. *Esteiro* acolherá a colaboração de qualidade de todos os escritores, seja qual for a sua orientação estética, desde que não enferme de qualquer ideologia anti-humanista
5. *Esteiro* inserirá publicidade gratuita, logo livre
6. *Esteiro* agradece toda e qualquer reprodução dos seus textos

Director: Manuel Dias Duarte

Tiragem: 1000 exemplares

Gratuita

Redacção: Avenida da Liberdade, 170 - 1250-146 Lisboa

www.pcp.pt – www.dorl.pcp.pt – s.intelectual@dorl.pcp.pt – org.culturaliteraria@gmail.com

Distribuição:

Editorial

Escritores na defesa da sua dignidade, por uma literatura independente

Extinta violentamente a Sociedade Portuguesa de Escritores em 1965, um grupo deles voltou a lutar pelo reerguer dum organismo que pugnasse pela dignidade e interesses dos escritores, e a difusão e promoção da literatura portuguesa, do que veio a resultar, em 1973, a Associação Portuguesa de Escritores.

O exercício da escrita literária padece hoje ainda, para inúmeros autores, de constrangimentos ilegítimos de ordem económica, social e mesmo política, que coarctam a liberdade e a dignidade dos que persistem na conservação e inovação da literatura.

Nos últimos anos tem-se assistido a um retrocesso das políticas governamentais relativas à actividade da escrita literária e promoção da literatura, designadamente cerceando verbas destinadas a bolsas de criação e serviço de bibliotecas, desmantelando organismos de defesa do livro.

Recentemente ocorreu no país uma enorme concentração em oligopólio de editoras de livros, distribuidoras, livrarias.

Numa lógica puramente de mercado, o livro ideal será o que em maior quantidade e mais rapidamente se venda; donde, de conteúdo ligeiro e baixo custo. O tipo de produto da literatura policial, de terror, do coração; a «novidade» consiste na expansão dos conteúdos nivelados pelos escalões mais baixos da sublitteratura.

Assim, exerce-se uma forte pressão para sujeitar a actividade da escrita literária a critérios de êxito comercial, tendo como prática o aumento da interferência dos editores sobre os textos dos escritores. Face ao poder ora concentrado nas grandes empresas editoras-distribuidoras-livreiras, o escritor encontra-se mais fragilizado para negociar contratos de edição e carece do efectivo apoio da sua Associação.

Se a linguagem articulada é um elemento caracterizador da espécie humana, a narrativa constitui um acelerador da sua evolução. E quando a narrativa deixa de confinar-se ao relato do que aconteceu e extrapola para a ficção, um motor específico propulsiona uma actuação sobre as condições materiais em que os homens vivem, e com elas interage.

Importa, portanto:

-- Congregar os escritores na sua Associação para que nela avaliem a situação em que se encontram, efectuando a respectiva prognose, discutam os seus problemas, equacionem soluções e as efectivem;

-- Reabilitar o edifício da Sede, de modo a torná-lo uma instalação condigna para os serviços e actividades que aí devem funcionar;

-- Recuperar a biblioteca da Associação restituindo-lhe a imprescindível funcionalidade, o que passa pela permanente actualização do seu catálogo;

-- Estabelecer formas de contacto regular com os poderes públicos que assegurem a consideração por estes das deliberações das assembleias-gerais da Associação que se lhes dirijam.

No prelo: *Diário póstumo de um paraescritor*, de Sérgio Sousa

O Lavrador

(Excerto)

(...) Duas batidas vergastaram o silêncio. A noite em passo sereno caminhava rumo à alvorada.

Por detrás das cortinas acendeu-se uma luz. Uma voz ainda jovem perguntou: «Quem está aí?» «Sou eu, o lavrador do Montinho, Ambrósio Catita». E a voz «Ah!». Ouviu-se o ranger do ferrolho. Primeiro assomou um candeeiro, depois a cabeça de uma moça ainda desgrenhada. «Quero falar à senhora». «Ãh?». Fez a moça. «A senhora dorme. E Ambrósio com brusquidão: «Então acorde-a. É importante e urgente».

«Entre, lavrador». Disse a moça numa voz sumida de preocupação. «Aqui para a saleta. Vou acordar a senhora». E as mãos tremiam-lhe.

Colocou o candeeiro sobre a mesinha ao lado da jarra branca composta de cravos.

Ambrósio olhou os cretones, o canapé de quatro lugares forrado a seda azul, o quadro na parede com uma cena de caça. Afinal que vinha ali fazer? Inquietar uma senhora de bem que merecia melhor marido? Para quê. Evadiu-se por segundos. Despertaram-no o som de uns passinhos miúdos corredor fora.

D. Natalina entrou de robe de chambre e chinelas de camurça, pálida como cera, mas o rosto não denunciava terror ou estranheza, não reflectia nenhum sentimento.

«Boa-noite, Sr. Ambrósio». Ambrósio fez uma ligeira vénia e encetou o discurso que tinha preparado ao longo do caminho. «Minha senhora, lamento incomodá-la a desoras. Não é coisa de cavalheiro; mas a situação assim o exige».

Pela primeira vez os olhos de D. Natalina tomaram expressão, o rosto até aí duma palidez de morte ruborizou-se. Ambrósio baixou o tom de voz: «Mais lamentável e dramático é o que tenho a dizer-lhe». D. Natalina sobressaltou-se: «Aconteceu alguma coisa ao meu marido?» «Não, minha senhora. Seu marido está bem, em seu estado habitual como também sabe. À senhora é que aconteceu o incrível». D. Natalina franziu, duvidosa, as pálpebras. «A mim?».

Ambrósio quis acabar com aquilo e para tal tinha de ser bruto, dizer tudo sem delicadezas, de repente: «D. Natalina vá vestir-se e arrumar alguns dos seus pertences pessoais. Vá». Fez um gesto com a mão indicando a porta e sussurrou. «A senhora agora é minha e por isso vem comigo» «Como? Enlouqueceu?» «Não D. Natalina, antes fosse... Sabe a senhora que seu marido não tendo mais que jogar a não ser a herdade, jogou-a a si. Percebe agora, a senhora. Perdeu-a ao jogo. Eu ganhei-a. A senhora é minha». Disse tudo de um só fôlego e respirou fundo. Estava dito, estava feito. Esperou a reacção... D. Natalina endireitou o busto, cerrou os maxilares e como se fosse a coisa mais natural do mundo, num banal tom de voz: «É só um instante. Vou arranjar-me. Se meu marido fez isso, o senhor ganhou-me, está no seu direito. Vou consigo; espere um instante». Virou as costas e ia a sair. Ambrósio seguiu Natalina a florou-lhe o ombro com a mão e ela virando-se, numa voz agastada: «Já lhe disse. É só um instante». E Ambrósio interpôs-se entre ela e a porta. «Escute, minha senhora. O seu marido quis assim, não o quero eu. A senhora é de fibra. Os meus maiores respeitos e fique em sua casa que eu regresso à minha, pois bem tarde é». E dirigiu-se para a saída.

Rompia a manhã.

Joseia Matos Mira

(in *Colectânea Somos Nós*, Lisboa, Edições Leitor, 2010)

Notícias breves:

-- No ano que findou e na sequência de encontros anteriores, tiveram lugar os seguintes Encontros de Escritores:

2009

1.º - 29 de Outubro

Domingos Lobo
Sérgio de Sousa
Manuel Dias Duarte

2.º - 19 de Novembro

José Colaço Barreiros
Sara Coimbra
Sá Flores

2010

3.º - 14 de Janeiro

Glória Marreiros
Joaquim Lagoeiro

4.º - 25 de Fevereiro

Joseia Matos Mira
José Vultos Sequeira
Maria Eugénia Cunhal

5.º - 11 de Março

Correia da Fonseca
Manuel Pedro
António Modesto Navarro

6.º - 27 de Maio

Hugo Santos
José Correia Tavares

7.º - 30 de Setembro

Fernando Miguel Bernardes
Mário de Carvalho

-- Durante os meses de Outubro a Fevereiro de 2010/2011, decorreu mais um Curso de Escrita Criativa, orientado pelo escritor Domingos Lobo

Modesto Navarro está à escrita do seu novo romance, ainda sem título

Poema:

Nos subúrbios

no silêncio do escuro da noite
tantos e tantos segredos suspiros
que se escapam por baixo das portas

encosta o peito às pedras
ouve esse ressumar
esse subterrâneo girar
do sangue aflito
(histórias que não se contam
o vazio o cerco a solidão
quando não se tem dinheiro
e trabalho
nem já a mulher nos olha nos olhos)

cala-te - diz-te o coração - os tristes
os pobres e tristes não têm voz

mas na noite no roer do silêncio
nos subúrbios
aonde as fábricas são habitadas somente
por fantasmas

ouves e ouves

vês os rostos gastos ensombrados
os braços pendentes as mãos caídas
como se mortas

as mãos do mundo mortas

e sonhas que ressuscitam
e inventam um mundo à sua medida

José Vultos Sequeira

Terra-a-terra

A questão fundamental

Numa esplanada à beira-rio, ele está absorto. Ela, sorvido o café, encara-o com estranheza:

- Estás hoje muito calado.
- Sabes, estou a pensar na vida.
- Então?

-- Em como a imensa maioria das pessoas nasce, vive e morre, sem tomar consciência do seu papel na sociedade. Quase todos se limitam a viver e a sujeitar-se às preocupações e às pequenas alegrias induzidas, até que morrem...

- Mas essa é uma questão da filosofia.

-- Tens razão. E toda a gente, cada homem, cada mulher tem e vive uma posição filosófica, mesmo que pense que não sabe nada de filosofia. A filosofia, por assim dizer, é praticada por todos.

-- Como não têm consciência dessa questão são facilmente manipulados por inimigos que se servem deles e lhes influenciam todos os actos.

-- É tal como dizes. E esse é, a meu ver, o maior drama da humanidade, desde o princípio dos tempos.

-- E, dentre os problemas filosóficos, qual é essa questão principal?

-- A questão fundamental, o cabouco sobre que assentam todos os problemas da vida, é a divisão entre os que acreditam que a origem de tudo, do universo e do mundo foi uma ideia, um ente superior desconhecido e que depois identificaram com o Sol a que chamaram deus, da palavra “*div*”, luz, em sânscrito; e aqueles que sabem que a matéria sempre existiu, não foi criada por ninguém, e está em contínuo processo de transformação de vida e morte e vida, em espiral ascendente, desde a rocha inanimada ao homem e à mulher *sapiens sapiens*, à maior maravilha da natureza: o cérebro humano.

-- Isso de uma coisa existir desde sempre sem ser criada é difícil de conceber...

- Pois é. Mas é a verdade.

-- E em que é que isso influencia a atitude de cada um para com os outros?...

-- Se eu, erradamente, acredito na primeira posição, acredito em mitos, em ilusões, em homens salvadores da humanidade, submeto-me ao destino, à aceitação da exploração, voto nos partidos da direita, clara ou disfarçada, sou enganado pelos que se dizem meus amigos, sem aferir que interesses servem, sou lançado para a guerra para morrer e matar por interesses que não são os meus. As guerras, os tráficos não são males para todos. São males para a maioria, mas um enorme bem para uma minoria. Se fossem males para todos não existiam.

- Estou a ver.

-- E eu, pelo contrário, sei firmemente que não há um destino que me aprisione o futuro, que não há seres superiores aos homens. Não indo atrás de qualquer carismático demagogo, então sentes-te irmão, igual aos outros homens, sejam eles de que credo ou cor forem, e sabes que só a solidariedade entre todos os trabalhadores, intelectuais ou manuais, professores ou operários, resolverá os dramas da humanidade. Voto no partido fraternal, que luta pela humanização do homem, em todo o mundo. Não aceito a exploração. Não haverá guerra, nem doenças sociais, não haverá fome e miséria.

-- Cada homem realiza a sua felicidade contribuindo para a felicidade dos outros.

-- E todos se erguerão acima da condição animal em que nos encontramos...

-- Apesar de todo este progresso tecnológico.

- Tu o dizes.

-- Toma o teu café que já está frio.

Luciano Zaga

Nas livrarias: *Lénine e a filosofia* de José Barata Moura

O Colaborador

O espaço, de tão estreito, não permitia mais de duas mesas em frente do balcão. Por cima da entrada, quem passasse na rua podia ler: *Leitaria Primavera*, escrito em letras de recorte antiquado e gastas. Os fregueses mais antigos insistiam: Dona Adelaide, porque não muda para Pastelaria Primavera? O nome leitaria já não se usa. Ela limitava-se a abanar a cabeça ou a dar uma resposta vaga. Mas havia uma razão que, por um pudor que nem saberia explicar, guardava só para si. A pequena loja tinha exactamente a idade do filho. O nome de ambos fora escolhido na mesma altura. Com um empenhamento muito grande. Com o cuidado que se tem com as coisas que ficarão definitivas.

O menino fora crescendo ali dentro. Naquelas mesas fazia os trabalhos da escola. E, durante anos, era ele que escrevia num papel que ficava pregado na parede o preço das coisas que ali se ofereciam. Com uma letra redonda e muito certa. Aos domingos, gostava de ajudar a mãe. Punha cuidadosamente em pequenos pratos, que forrava com guardanapos de papel, os bolos escolhidos.

-- Vai ter aqui um belo ajudante -- diziam-lhe. Sentia que a frase era um elogio. Mas não suportava a ideia de o filho vir a ter uma vida igual à sua. Uma vida sufocada naquele pequeno espaço. Acumulando cansaços. Quase perdendo a memória do mundo lá fora. Do recorte das árvores. Dos aromas. Das formas de tudo o que faz com que uma cidade seja ela e nenhuma outra. A vida do seu filho seria construída pelos seus sonhos. Menino inteligente que ele era. Quando, à noite, lhe ia aconchegar a roupa, prometia-lhe com palavras mudas um amanhã diferente.

No dia em que o filho terminou o curso, abriu uma garrafa de espumante que guardava em segredo, há muitos anos. E não lamentou a fadiga crescente que sentia. Nem os cabelos que foram embranquecendo, até já nada restar das belas madeixas negras que haviam sido o seu orgulho. Nem as rugas que lhe sulcavam o rosto. Nem tudo aquilo de que abdicara e a que nunca chamara sacrifício.

Daquele dia em diante os olhos de ambos habituaram-se a revestir-se de um novo brilho. Ele saía de casa, confiante. Estava certo de encontrar um trabalho onde aplicaria tudo o que aprendera.

E correram semanas. Meses. Os olhos foram-se tornando mais baços. Até ao dia em que uma montra lhe ofereceu um pequeno letreiro: Colaboradores - Precisam-se. Com uma das mãos aconchegou no bolso o seu curriculum de mestrado.

Prolongou o fim da tarde para regressar a casa. A mãe esperava-o. Ansiosamente. Perguntou-lhe: -- Então?

As palavras ficaram presas. Acabaram por sair, pronunciadas dolorosamente. Num tom de voz muito baixo. -- Ofereceram-me um lugar num armazém a transportar móveis. Falava como se pedisse desculpa.

A mãe compreendeu e disse-lhe mansamente: -- Anda cá. E ficaram durante um longo tempo abraçados.

Eugénia Cunhal